



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, prover um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Não Comercial — Você não pode usar o material para **fins comerciais**.

Sem Derivações — Se você **remixar, transformar ou criar a partir** do material, você não pode distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou **medidas de caráter tecnológico** que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

NonCommercial — You may not use the material for **commercial purposes**.

NoDerivatives — If you **remix, transform, or build upon** the material, you may not distribute the modified material.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or **technological measures** that legally restrict others from doing anything the license permits.

IV Seminario Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação,
Documentação e Sociedade

Competência em Informação: teoria e práxis

Coordenação:

Profa. Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão (UnB)

Profa. Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo (Unesp)

Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Universidade de Brasília

2015

Equipe Editorial

**Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Diretora**

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

**Núcleo de Editoração e Comunicação - NEC
Coordenadora**

Claudia Neves Lopes

Diagramação

Bruna Ribeiro de Freitas

Capa

Conselho Editorial e Científico

Dra. Cecília Leite de Oliveira (IBICT)

Profa. Dra. Elmira Luzia M. Soares Simeão (UnB)

Profa. Dra. Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Profa. Dra. María Aurora Cuevas Cerveró (UCM)

Profa. Dra. M^a Teresa Fernández Bajón (UCM)

Profa. Dra. Marta Lígia Pomim Valentim (Unesp)

Profa. Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo (Unesp)

C736 Competência em informação : teoria e práxis / Elmira Luzia Melo Soares Simeão, Regina Célia Baptista Belluzzo, coordenação. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2015.
428 p. ; il.

Contém bibliografia.

Trabalhos originalmente apresentados no IV Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade.

ISBN 978-85-88130-47-0

I. Competência informacional. 2. Ciência da informação. I. Simeão, Elmira Luzia Melo Soares, (coord). II. Belluzzo, Regina Célia Baptista, (coord.). III. Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (4. : Marília, SP : 2015).

CDU 02:37

TECENDO REDES E NARRANDO HISTÓRIAS: COMPETÊNCIAS DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Meri Nadia Marques Gerlin

meri.gerlin@ufes.br

Professora do Departamento de Biblioteconomia
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

elmira@unb.br

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: No século XXI o contador de histórias apropria-se de técnicas da cultura oral para o enriquecimento da sua prática. Participa de atividades presenciais como cursos e oficinas, conecta-se às redes digitais, realiza pesquisas, produz conhecimento e compartilha informações. Com base no exposto, procede-se ao relato da ação de uma pesquisa em andamento com o objetivo de investigar as competências narrativas e em informação que o contador de histórias possui na sociedade da informação. Realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, insere-se no contexto das discussões do Grupo de Pesquisa Competência em Informação e do Grupo de Estudos sobre Educação e Trabalho de Arquivistas e Bibliotecários. No processo da pesquisa utilizou-se um questionário contendo indicadores de perfil e contexto para dar visibilidade às competências dos contadores de histórias de duas regiões brasileiras: Brasília e Espírito Santo. Com a análise comparativa dos dados, percebeu-se que os contadores de histórias profissionais interagem socialmente por meio do acesso às redes digitais. De uma maneira geral, possuem experiência no campo da narrativa oral e participam de atividades de formação. São possuidores de competências que tornam possível o compartilhamento de informações em espaços híbridos, porém, precisam *aprender a* produzir conhecimento voltado para a sua área de atuação. Apesar de a investigação ser realizada no Estado do Espírito Santo e em Brasília, entende-se que o movimento de apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação que alimentam as redes dos contadores de histórias tende a aproximá-los em diversas regiões brasileiras.

Palavras-Chave: Contador de Histórias; Competência Narrativa; Competência em Informação; Redes Colaborativas; Sociedade da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Os contadores de histórias do século XXI apresentam características distintas do narrador tradicional de culturas orais. Atuam em espaços tempos de educação, informação e cultura como bibliotecas, centros de educação infantil, escolas, praças, livrarias e organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIPs). São herdeiros da tradição oral e encontram-se “[...] inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber” (BUSATTO, 2011, p. 19). Esse perfil demanda competência narrativa e competência em informação para atuar em diferentes regiões brasileiras.

A **competência narrativa** é composta de saberes e fazeres adquiridos no campo de atuação, bem como, em cursos, oficinas e outros eventos de formação direcionados ao contexto da narrativa oral. Por meio dela, esse profissional detém técnicas voltadas para a seleção, a adaptação, a escolha de recursos, ao ensaio e a apresentação da narrativa. Para atingir a transmissão performática das histórias preparadas usa e abusa da palavra contada, o que requer um ritmo especial, a entonação, a expressão facial, a expressão gestual e o silêncio que de uma maneira especial integra-se ao discurso. “O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos” (MATOS; SORSY, 2009, p. 4).

Ao adquirir habilidades para interagir com um público cada vez mais exigente, o sujeito narrador poderá (re) escrever contos brasileiros e de outras procedências direcionando-os ao contexto de sua atuação. Também poderá resgatar, armazenar e trabalhar na divulgação das narrativas em formato de livros e em suporte de mídias digitais como CDs, DVDs, blogs e outras páginas da internet. Essas demandas acabam requerendo o domínio das novas tecnologias de informação e comunicação de modo a realizar pesquisas, divulgar serviços e produtos que geralmente se baseiam na oralidade preservada na memória dos grupos sociais.

Tendo em vista que competências específicas são adquiridas autonomamente presencialmente e virtualmente, torna-se preciso acessar aos recursos disponibilizados pela sociedade da informação¹. Nessa direção, o ciberespaço²

¹ A expressão sociedade da informação é entendida como abreviação (discutível!) de um aspecto da sociedade: o da presença cada vez mais acentuada das novas tecnologias da informação e da comunicação (ASSMANN, 2000).

² Também conhecido como ciberespaço, o espaço virtual de forma alguma pode ser considerado como sinônimo de Internet. Constituído-se como um espaço tempo em que não se necessita da presença física para o estabelecimento do processo de comunicação, se fortalece com o uso de

fortalecido pela *Web* (ambiente de rede da internet) fornece meios para a ressignificação das relações sociais em redes digitais. Entender a sociedade informação como sociedade da aprendizagem é necessário ao contador de sendo fundamental compreender que “O processo de aprendizagem já não se ao período de escolaridade tradicional [...] trata-se de um processo que dura vida, com início antes da idade da escolaridade obrigatória, e que decorre no trabalho e em casa” (ASSMANN, 2000, p. 9).

Belluzzo (2007) considera o impacto gerado pela evolução tecnológica na área da informação e comunicação, ao destacar a importância de um entendimento sobre a **competência em informação**. Esse termo concebe a criação e a identificação de habilidades que tornam possível a busca, a recuperação e o uso efetivo da informação, envolvendo também a reflexão sobre *um aprendizado permanente ao longo da vida*.

A capacidade de aprender é imprescindível à aquisição da competência em informação dos contadores de histórias, sendo esta composta por duas dimensões. A primeira é dividida entre o domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas, ao possibilitar a intervenção da realidade vivida durante sua trajetória. A segunda é permeada por uma visão crítica do alcance das ações (fazer) e do compromisso com as necessidades concretas que emergem e caracterizam o contexto social dos sujeitos narradores (BELLUZZO, 2007).

Com base no exposto, procede-se ao relato de uma ação de pesquisa em andamento, com o objetivo de investigar as competências narrativas e em informação que o contador de histórias possui na sociedade da informação. Acredita-se que o domínio das redes digitais apresenta-se como um desafio para os atores culturais que durante décadas dominam os mecanismos da comunicação interpessoal. Realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB)³, insere-se no contexto das discussões do grupo de pesquisa Competência em Informação (GPCI)⁴ e do

recursos tecnológicos como celular, computador e tablet que conecta os sujeitos da atualidade (LEVY, 2011).

³ Trata-se do relato de uma ação da pesquisa em andamento “No balanço das redes dos contadores de histórias”, pertencente ao Doutorado Interinstitucional firmado entre a Universidade de Brasília e Universidade Federal do Espírito Santo (Dinter UnB-Ufes).

⁴ O Grupo de Pesquisa Competência em Informação (GPCI) reúne pesquisadores, profissionais e estudantes da Faculdade de Ciência da Informação (UnB) e Universidade Complutense de Madrid.

Grupo de Estudos sobre Educação e Trabalho de Arquivistas e Bibliotecários (GEETAB)⁵, ambos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Estruturada em torno de duas ações de pesquisa e extensão universitária, obteve-se a participação de 20 contadores de histórias de Brasília e do Estado do Espírito Santo (10 narradores de cada região). A primeira ação foi registrada pela Faculdade de Ciências da Informação (FCI) da UnB, dando origem ao *I Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias*, realizado na Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB) no segundo semestre de 2013. A segunda ação foi registrada pelo Departamento de Biblioteconomia (DBIB) da UFES, culminando no *II Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias*, realizado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da UFES no segundo semestre de 2014.

As ações dos eventos foram norteadas pelas discussões do GPCI e do GEETAB, criando, com isso, espaços de diálogos sobre a competência narrativa e em informação. No processo utilizou-se um questionário contendo indicadores de perfil e contexto direcionado às competências (ser, saber e fazer) dos sujeitos narradores das duas regiões brasileiras, culminando numa análise comparativa dos contextos espírito santense e brasiliense⁶. Essa fase da pesquisa teve como parâmetro o modelo de indicadores de inclusão digital e informacional direcionado para o desenvolvimento de competências (IDEAS), constantemente utilizado pelos pesquisadores da UnB (CERVERÓ *et al.*, 2011).

Três indicadores consubstanciaram a coleta e análise da amostra apresentada nesta comunicação. O primeiro denominado *indicador do perfil do contador de histórias* reuniu informações sobre gênero, idade, formação, espaços de atuação, dentre outras. O *indicador do contexto da competência em informação*

⁵ Grupo de pesquisa conduzido por sujeitos dos Departamentos de Biblioteconomia e Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ao trabalhar com os estudos da linha Sociedade, Informação e Cultura (s).

⁶ Capixaba ou espírito santense são termos utilizados para designar objetos ou sujeitos de naturalidade do Espírito Santo, assim como, brasiliense é usado para designar a realidade de Brasília.

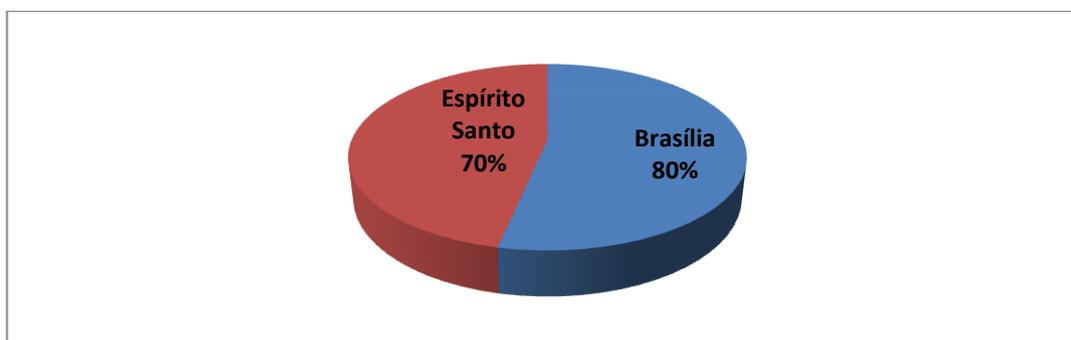
permitiu a identificação de aspectos relacionados com a inclusão digital e informacional desse narrador.

O terceiro indicador não pertence ao campo de investigação do modelo IDEAS, foi criado especificamente para dar conta do contexto da narrativa oral ao receber a seguinte denominação: *indicador da competência narrativa do contador de histórias*. Com esse indicador iniciou-se o processo de investigação de competências específicas (*ser, fazer e conhecer*) do contador de histórias na sociedade da informação, tendo a conexão em redes dos narradores investigada com maior afinco.

3 INDICADORES DE PERFIL E CONTEXTO DAS COMPETÊNCIAS NARRATIVAS E EM INFORMAÇÃO

O **indicador de perfil** conduziu às informações de que em Brasília 50% dos contadores de histórias possuem entre 20 e 50 anos e 40% mais do que 50 anos. No contexto capixaba 80% possuem entre 20 e 50 anos e 20% mais do que 50 anos. Nas duas regiões a maioria pertence ao sexo feminino, desse modo, cabe considerar a informação relacionada ao gênero predominante (Gráfico 1), ao requerer novas investigações em torno das competências dos contadores de histórias que geralmente são representados pelo imaginário social como avós, mães e professoras. Essa constatação acaba remetendo para o fato de que “Em muitas culturas de tradição oral, as avós são narradoras contam histórias que transmitem os frutos do seu aprendizado sobre a vida para o benefício das gerações futuras” (MATOS; SORSY, 2009, p. 37).

Gráfico 1 – Predominância do gênero feminino.



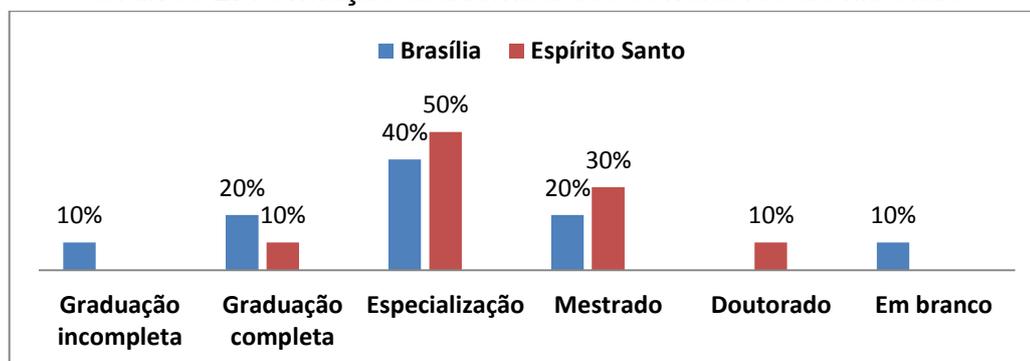
Fonte: Dados da pesquisa.

Em Brasília 70% atuam profissionalmente, 20% iniciaram a prática no século XX e 30% no século XXI (50% dos participantes dessa região não se manifestaram sobre essa questão). No Espírito Santo 100% atuam como contadores de histórias profissionais, tendo 50% iniciado a prática no final do século XX e 50% no início do século XXI. Conforme colocado pelos bibliotecários do território capixaba (50%), a atuação profissional desenvolvida no ambiente escolar conduz ao desenvolvimento da prática de contar histórias, com a finalidade de incentivar à leitura em diferentes idades. Porém, outras atividades profissionais são desenvolvidas paralelamente pelos narradores das duas regiões da pesquisa, muitas vezes não tendo ligação alguma com a prática de narrar histórias:

- BRASÍLIA – tendo em vista que entre a maioria dos sujeitos (70%) que responderam a essa questão um exerce mais de uma profissão, identificou-se que atuam como advogado (10%), auxiliar administrativo (10%), bibliotecário (10%), editor de controle interno (10%), professor de artes (10%), professor de espanhol (20%), professor de língua portuguesa e promotor cultural infantil (10%).
- ESPÍRITO SANTO – a maioria dos entrevistados atua como bibliotecário escolar (50%) e o restante dos narradores exercem a função de professor (40%) e psicopedagogo (10%).

Perante a constatação de que nas duas regiões a maioria dos narradores atua em instituições de educação formal, recebe-se “[...] um estímulo pela capacitação de professores e bibliotecários escolares a incorporarem essa prática no seu cotidiano e, não raro, contratam-se pessoas especialmente dedicadas a realizar esta tarefa” (FLECK, 2007, p. 216). Antes porém, as profissões paralelas exercidas pelos narradores chama a atenção para o fato de que terem buscado formação acadêmica que estivessem em consonância com elas (Gráfico 2).

Gráfico 2: Formação acadêmica dos contadores de histórias



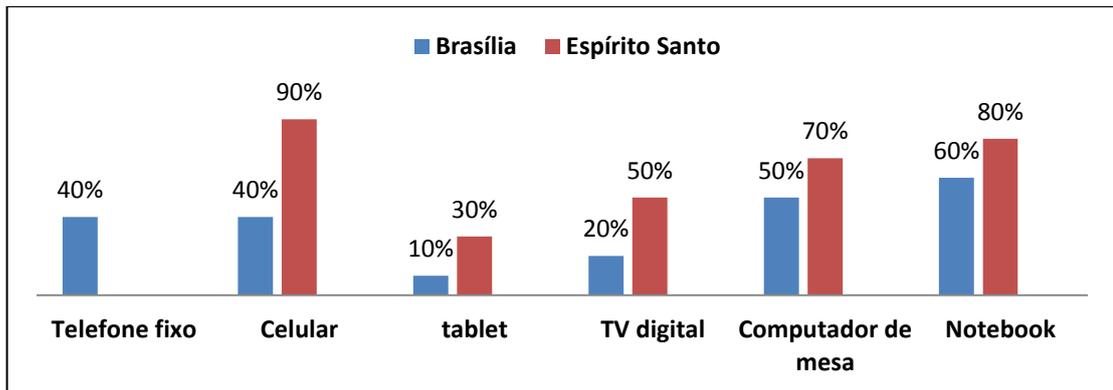
Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à realização de cursos de formação e outras atividades voltadas para a arte de narrar, em Brasília 40% dos sujeitos afirmaram que receberam formação específica para atuar como contador de histórias, enquanto 50% não buscaram formação alguma e 10% não se manifestaram. O perfil dos contadores de histórias do cenário capixaba aponta para o fato de que 100% buscaram algum tipo de formação na área da narrativa oral. Nas duas regiões as atividades de formação assumem uma característica presencial: cursos; oficinas; seminários; grupos de discussões em secretarias de educação e no espaço universitário. Além dessas atividades, os narradores citam a influência que as pesquisas realizadas em livros e na internet exerceram no processo de formação, assim como, a audição dos pares e a visualização de vídeos que atualmente podem ser compartilhados no espaço virtual.

Em se tratando dos territórios de atuação do narrador de histórias, no cenário brasileiro 60% responderam que trabalharam contando histórias em escolas (40%), bibliotecas (20%), instituições religiosas (20%), feiras de livros (10%) e livrarias (10%). No Estado do Espírito Santo 100% dos entrevistados atuaram em escolas (90%), instituições de ensino superior (30%), instituições de educação infantil (20%), bibliotecas (70%), OSCIPs (30%), hospitais (20%), asilos (20%), livrarias (20%), tribo indígena (10%) e assentamento de trabalhadores rurais sem terra (10%).

Diante da necessidade de acessar, buscar, avaliar e usar a informação para fundamentar o desenvolvimento da oralidade nos seus territórios de atuação, entende-se que a prática cultural desse profissional também exige saber comunicar a sua arte na sociedade da informação. Com isso, recorre-se a análise do **indicador de contexto da competência em informação** que engloba os polos da inclusão digital e informacional.

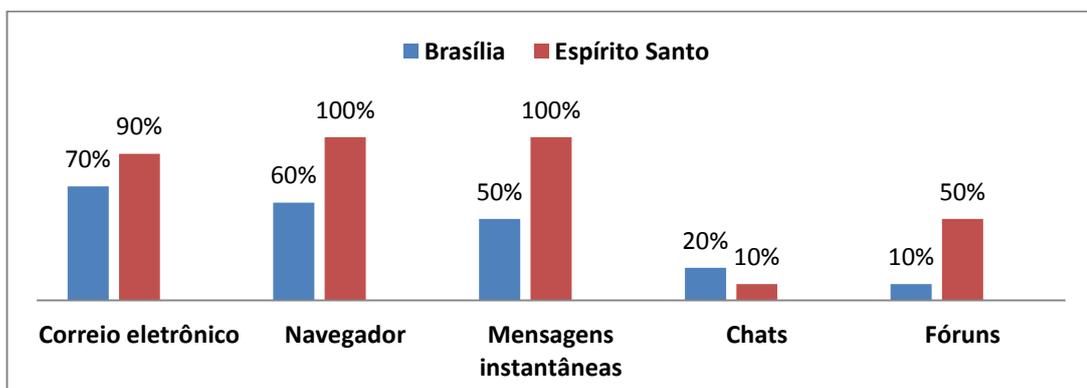
A inclusão digital exige um tipo de alfabetização direcionada para o desenvolvimento das competências de acesso e de utilização das tecnologias de informação e comunicação, bem como, requer habilidades específicas para aprendizagens de como usar recursos digitais e eletrônicos. Ao investigar os tipos de equipamentos de acesso às redes digitais, constatou-se que 90% dos narradores de Brasília e 100% do Estado do Espírito Santo se apropriam de aparelhos celulares, computadores e de outros equipamentos com essa finalidade (gráfico 3).

Gráfico 3: Equipamentos de acesso às redes digitais.

Fonte: Dados da pesquisa.

Perante a constatação de que o uso desses equipamentos torna possível o acesso às redes digitais, 90% dos contadores de histórias brasilienses e 100% pertencentes ao território capixaba afirmaram aproveitar os recursos que a internet oferece para a buscar informações. Ao utilizar os recursos ofertados por essa grande rede o contador de histórias interage com um (con) texto diferenciado na tela de um computador, celular, tablet ou qualquer outro equipamento conectado. “A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial” (LÉVY, 2011, p. 39).

Existem múltiplas possibilidades de produção, armazenamento e distribuição da informação em “[...] fóruns e listas de discussão, *prints*, jornais *on line*, blogs, enciclopédias e dicionários colaborativos [...]” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 50). Talvez, então, tenha sido redundante perguntar de quais aplicações de acesso à internet o contador de histórias faz uso. Mesmo assim, essa pergunta foi feita no Estado do Espírito Santo e em Brasília, possibilitando a visualização do uso de algumas aplicações que viabilizam o acesso de informações na grande rede (Gráfico 4).

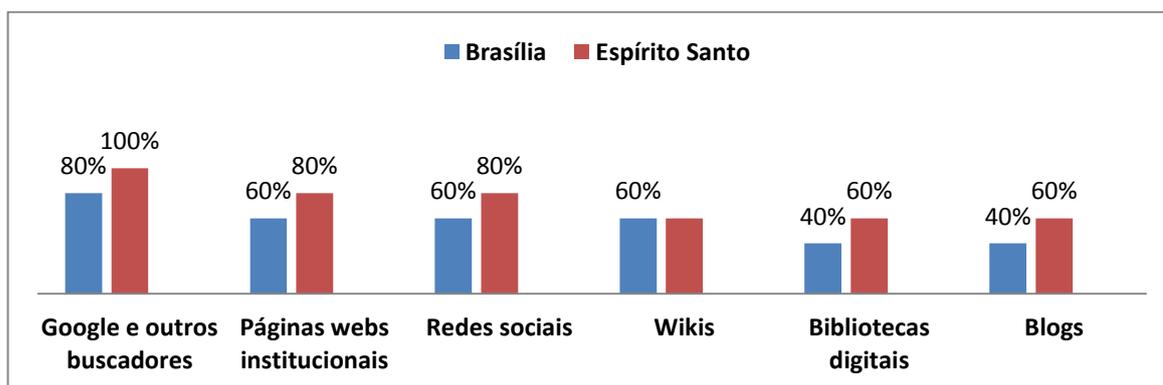
Gráfico 4 – Aplicações de acesso à internet.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ser capaz de entender o significado do acesso a uma rede de comunicações, seja no trabalho, em casa ou em qualquer outro local que permita usufruir dos serviços que por ela são disponibilizados é realmente importante. Na visão de Belluzzo (2007) saber navegar na Internet com a finalidade de buscar novas fontes de conhecimento é uma habilidade fundamental e importante. Assim sendo, 90% dos capixabas e 50% dos brasilienses afirmaram acessá-la várias vezes ao dia.

O levantamento de que 100% dos narradores capixabas e 70% dos narradores de Brasília usam algum tipo de mídia social, requer entender quais são os meios de comunicação mais utilizados pelos narradores nas redes digitais. De maneira geral, esse tipo de acesso exige uma diversidade de mídias para comunicar-se socialmente e para buscar informações conforme pontuado pelos contadores de histórias (gráfico 5).

Gráfico 5 – Meios de acesso à informação.



Fonte: Dados da pesquisa.

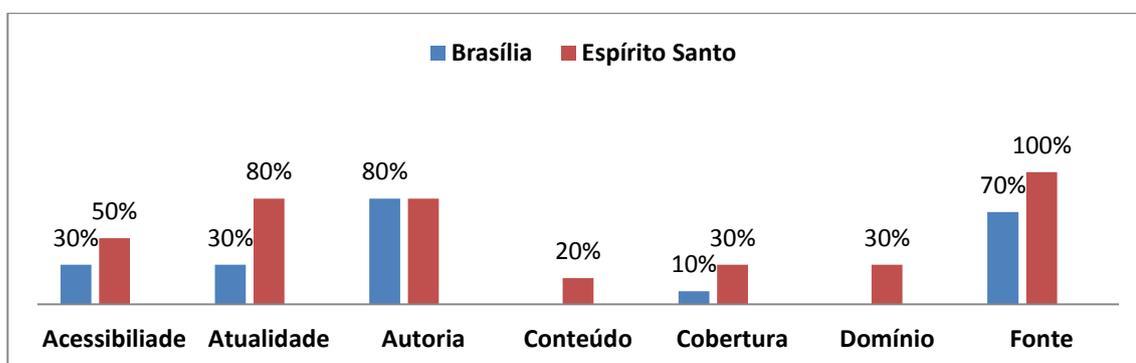
As aplicações e os meios de acesso à informação culminam numa diversidade de possíveis em termos de conexão, aliadas ao acesso à informação, às trocas de experiências e ao processo de aquisição de conhecimentos. Tudo isso e mais um pouco exige a capacidade de *aprender a aprender* na sociedade da informação (ASSMANN, 2000; DEMO, 2012). Nessa direção, ressalta-se a urgência de o contador de histórias aprender “[...] acessar e utilizar os serviços de comunicação diferentes (e-mail, chat, newsgroups, etc) e acesso a conteúdo, navegação e diretórios e motores de busca para localizar informações” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 43). Por conseguinte, torna-se necessário saber buscar, avaliar e usar a informação de lazer, divulgação, técnica ou científica.

O contexto da alfabetização em informação engloba as habilidades de saber localizar, avaliar e utilizar uma variada gama de informações, ao considerar nesse processo a realização de uma leitura com significado e entendimento. No contexto brasileiro averigua-se que 80% dos narradores possuem essa competência, 10% afirmaram não possuir e 10% não responderam a essa questão. No Espírito Santo 100% se consideram capazes de localizar a informação de que necessitam com entendimento não apenas em obras impressas, mas também nas redes digitais.

Em Brasília 70% possuem a capacidade de selecionar e identificar a informação ao considerar os objetivos da busca, 10% afirmaram não possuir e 20% não responderam a essa questão. No Espírito Santo 100% selecionam e identificam a informação por grau de importância e em função de seus objetivos.

A qualidade do conteúdo do texto a ser recuperado foi avaliada como essencial por 90% dos contadores de histórias de Brasília e 100% do Espírito Santo, ao afirmarem que conseguem detectar as palavras chaves que são mais importantes no processo de pesquisa. Também foram citados os critérios que utilizam para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Critério de avaliação das fontes recuperadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

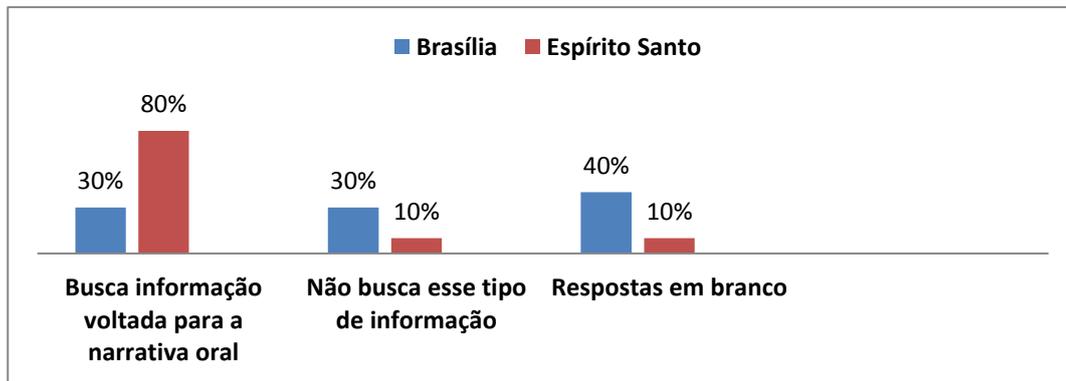
Entendendo como necessária não apenas a capacidade de localizar, recuperar, avaliar, mas também de apreender criticamente informações buscadas em diversos formatos (imagem, texto, som), a organização e disponibilização do conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações etc.) torna-se necessária nas redes do contador de histórias. Resta saber o que está sendo produzido e compartilhado em termos de conhecimento nos territórios da pesquisa.

Quando perguntados se organizam e disponibilizam conteúdos informativos para público e pares, no Espírito Santo 80% dos entrevistados afirmaram que realizam essa tarefa e 20% afirmaram que não. Em Brasília 20% dos sujeitos narradores organizam e disponibilizam conteúdos de documentos informativos para seus pares, enquanto que 50% dos participantes confessam que não se dedicam e um percentual de 30% deixou de responder a essa questão. O material produzido e compartilhado em sua maioria é composto por textos, vídeos e fotografias através de e-mail, redes sociais e *pen drive*. O documento impresso também foi citado por alguns contadores de histórias.

O **indicador de contexto da competência narrativa**, direcionada ao acesso das redes dos contadores de histórias, aponta para o fato de que em Brasília a maioria dos narradores considera importante tanto o conhecimento sobre as novas tecnologias quanto o acesso à informação voltado para a sua prática nas redes digitais: 70% efetivamente julgaram ser importante e 30% entregaram essa questão em branco. No Estado do Espírito Santo identificou-se que 100% consideram igualmente importante esse tipo de conhecimento e o acesso à informação de sua área de atuação nas redes digitais.

Perante a importância que é dada a conexão em redes digitais voltada para a oralidade, no contexto brasiliense 50% afirmaram utilizar esse recurso para divulgar informação atualizada de interesse da narrativa oral, 40% afirmaram que não usam e 10% não respondeu a essa questão. Em se tratando dos narradores espírito santenses, 80% afirmaram usá-las para divulgar informação de seu interesse, enquanto 20% não divulgam esse tipo de informação.

No Estado do Espírito Santo 80% dos narradores buscam informações voltadas para a narrativa oral em sites da internet, não deixando de utilizar em menor grau os livros. O mesmo não pode ser afirmado sobre a realidade de Brasília, tendo em vista que apenas 30% dos narradores buscam informação voltada para a narrativa oral na internet (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Busca de informação voltada para a narrativa oral.

Fonte: Dados da pesquisa.

Acerca da especificação do tipo de informação narrativa que comumente é buscada, obteve-se o seguinte resultado: *novas histórias; novos artigos; técnicas de narração; cursos e outros eventos; recursos para enriquecer a narrativa; recursos tecnológicos; experiências de outros contadores por meio de vídeos; blogs de outros narradores; ideias de divulgação de atividades.*

Em relação ao compartilhamento das informações voltadas para a narrativa oral, em Brasília 50% afirmaram que costumam se dedicar a essa atividade; 30% afirmaram que não e 20% entregaram a questão em branco. No Espírito Santo 50% dos entrevistados se dedicam a essa atividade e 50% afirmaram que não compartilham informações voltadas para a narrativa oral nas redes digitais. De maneira geral afirmaram compartilhar informações como fotos, textos e vídeos.

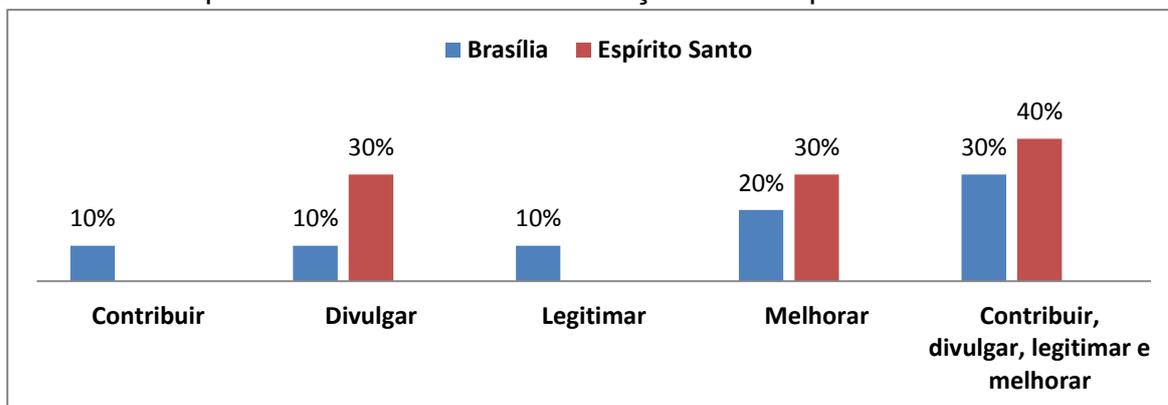
Em se tratando da produção de novos arquivos no campo da narrativa oral, 30% dos contadores de histórias de Brasília sinalizaram que trabalham com novos arquivos, 60% afirmaram não trabalhar e 10% deixaram de responder a essa questão. No Estado do Espírito Santo 70% afirmaram que trabalham com a produção de novos arquivos e 30% que não desenvolvem esse tipo de atividade.

As habilidades citadas acabam requerendo uma base de conhecimentos sobre as tecnologias de informação e comunicação, bem como, a aquisição de conhecimentos para que se possa melhor aproveitar aos serviços que as redes oferecem, principalmente na esfera de atuação da narrativa oral.

Para investigar sobre a atribuição de valor que é dada ao acesso à informação nas redes digitais e presenciais (redes híbridas), questionou-se se elas seriam importantes para melhorar as condições de atuação do contador de histórias, legitimar a sua profissão, contribuir com a prática que é desenvolvida ou para

divulgar a sua arte. Diante da apresentação destas questões, segue o resultado de atribuição da importância ao acesso à informação voltada para a narrativa oral nas redes digitais (Gráfico 8):

Gráfico 8 – Importância do acesso à informação voltada para a narrativa nas redes.



Fonte: Dados da pesquisa.

No Espírito Santo (40%) e em Brasília (30%) alguns narradores consideram a conexão em redes digitais igualmente importante para auxiliar nos processos de divulgação, melhoria, legitimação e contribuição da sua prática, assinalando dessa forma todas as questões que o questionário traziam como opção. No Espírito Santo nenhum entrevistado assinalou apenas as opções contribuir e legitimar.

Em relação à participação em redes voltadas para o processo de aprendizagem e, por consequência, ao compartilhamento de informação, no Espírito Santo constatou-se 30% não participam de nenhuma rede de formação voltada para a arte de narrar histórias, enquanto 70% afirmaram estar conectados às redes criadas na própria instituição em que atuam: grupos de formação da secretaria de educação (30%); grupos viabilizados pelos espaços universitários (20%) e OSCIPs (20%).

Ao serem questionados sobre as redes das quais fazem parte, os contadores de histórias capixabas reponderam que atuaram nas seguintes redes: *Grupo de Contadores de Histórias Colorindo Vidas (presencial e virtual)*; *Grupo Experimental de Contadores de Histórias da UFES (presencial)*; *Projeto de Pesquisa GENTE (presencial)*; *Comunidade Universitária UFES (presencial)*; *Comunidade de Bibliotecários da Prefeitura Municipal de Cariacica (presencial e virtual)*, *Carrapicho Poético (facebook)*; *Roda de Histórias (página web)*.

Em Brasília 30% dos sujeitos narradores afirmaram participar de redes de aprendizagem voltadas para a formação do contador de histórias, enquanto que 60% não estão conectados a nenhum grupo com essa característica. Tendo em vista que 10% não responderam a essa questão, considera-se que uma pequena parcela está conectada em redes na área de sua atuação nessa região.

Entre as redes presenciais citadas pelos narradores de Brasília cita-se a rede informal de troca de experiências e formação possibilitada pelos eventos promovidos na BDB. Vários contadores de histórias citaram o Sarau de Contação de História que fora realizado durante o *I Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias*. Nele foram apresentados recursos narrativos e estratégias de como contar histórias para os sujeitos narradores e demais participantes que demonstraram interesse pelo tema.

Percebe-se que a conexão em rede digital torna-se um diferencial e apresenta um elemento importante para as suas relações de trabalho, artísticas e comunitárias, ao inserir esse profissional em processos de aprendizagens requeridos pela sociedade da informação. Todavia, sem desconsiderar o perfil que move a prática desse narrador, bem como, suas competências narrativas (ser, conhecer e fazer) torna-se necessário repensar a sua função na sociedade em que vivem.

4. À GUIA DE CONCLUSÕES

Com a realização da pesquisa identifica-se que os dois grupos de contadores de histórias iniciaram a sua prática entre o final do século XX e início do século XXI, possuindo um nível de formação superior compactível com as profissões paralelas que por eles são assumidas: a maioria professor em Brasília e Bibliotecário no Estado do Espírito Santo. Todos os narradores capixabas e a maioria dos brasilienses buscaram formação na área da contação de histórias para atuar como narradores profissionais em diversos territórios de educação, informação e cultura. Esses dados são importantes para delinear o perfil dos contadores de histórias das duas regiões em que foi realizada a pesquisa.

Prossegue-se a análise ao identificar que a competência narrativa e em informação que os contadores de histórias possuem são importantes para o desenvolvimento de um trabalho potencial em redes de comunicação. Devido esse sujeito ser alfabetizado digitalmente e informacionalmente, pontua-se que as novas tecnologias de informação e comunicação reforçam as relações nas redes

digitais, recentemente integradas a sua realidade de trabalho no campo da comunicação interpessoal.

Parte-se então do princípio de que os sujeitos da pesquisa possuem habilidades necessárias para a realização de busca de informação e produção de conhecimento voltado para a oralidade. Considera-se que a maior parte dos narradores utiliza equipamentos de acesso às redes digitais, aproveitando os recursos que a internet oferece para a localização, avaliação, recuperação e uso da informação. Identifica-se que também conhecem as possibilidades de uma efetiva conexão em rede que perpassa saberes e fazeres específicos de um sujeito narrador que durante séculos domina técnicas que possibilitam a comunicação interpessoal. Todavia que ainda pouco utilizam esses recursos para o contexto de sua atuação.

Por fim, constatou-se que os contadores de histórias das duas regiões brasileiras são possuidores de habilidades e competências passíveis de serem compartilhadas em espaços presenciais e virtuais, porém, que, ainda assim, precisam *aprender* a partilhar informação e conhecimento produzido de sua área. Apesar de a investigação ser realizada no Estado do Espírito Santo e em Brasília, entende-se que o movimento de apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação que alimentam as redes dos contadores de histórias desses dois Estados, tende a aproximá-los em diversas regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BELLUZZO, R.C.B. **Construção de mapas**: desenvolvimento competências em informação e comunicação. 2ª ed. Bauru, SP Cá Entre Nós, 2007.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERVERÓ, A. C. *et al.* Instrumentos de aplicação do modelo IDEIAS. In: CUERVAS, A. C.; SIMEÃO, E. **Alfabetização informacional e inclusão digital**: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011.

DEMO, P. **Habilidades e competências no século XXI**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FLECK, Felícia de Oliveira. A profissionalização do contador de histórias contemporâneo. 89 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GARCÍA-MORENO, M. A. As tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CUERVAS, Aurora Cerveró; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital**: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011.

LÉVY, P. **O que é virtual?** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 160p.

MATOS, G. A.; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3ª ed. SP: Editora WMF Martins Fontes, 2009.